

VERSOS, IMAGENS E INTERTEXTUALIDADES EM O NAVIO NEGREIRO

Alexandre Huady Torres Guimarães*

Resumo: O processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na Educação Básica é tema de extrema importância no cenário educacional brasileiro; entretanto, muitas vezes observam-se discussões calcadas em questões teóricas e pouco se trata das reais necessidades do cotidiano e da forma de executar a prática docente. O presente artigo pretende trabalhar o texto poético *O navio negreiro*: tragédia no mar, de Castro Alves, de modo a relacioná-lo a outras manifestações de linguagem visando uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Castro Alves. Ensino-aprendizagem. Linguagens.

*Na mão do poeta,
o sol se levanta
e a lua se deita.
Na côncava praça,
aponta o poente,
o apronte, o levante
crescente da massa.
Aos pés do poeta
a raça descansa
de olho na festa.
(Moraes Moreira)*

‘STAMOS EM PLENO MAR...

■ **T**rabalhar o texto poético na Educação Básica não é, há algum tempo, fácil para o professor. Por uma questão que envolve, inclusive, a formação nos cursos universitários de Licenciatura, tanto o professor que já está há mais tempo no mercado educacional quanto os jovens profissionais não foram, em sua maior parte, instrumentalizados e estimulados para

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: alexandre.guimaraes@mackenzie.br

relacionar os conceitos e os conteúdos de seu conhecimento matriz com outras áreas do saber.

Lidar com adolescentes sempre foi uma tarefa desafiadora. Dentre esses desafios, alguns despontam, fortemente, como as diferenças de geração entre os educadores e os educandos, as diferenças de linguagem, de objetivos, de valores, de perspectivas e de gostos.

Contudo, é nesse cenário que atua o professor da Educação Básica, e a pura e simples reclamação das diferenças não traz solução para o processo de ensino-aprendizagem. Cabe ao professor – como guia do aprendizado, como líder, como autoridade do processo educacional – compreender essas questões e buscar alternativas para efetivar de modo mais eficaz possível o seu papel.

Da mesma maneira que, costumeiramente, os professores valem-se de comparações entre eles e seus alunos, além das que existem entre os próprios alunos, estes últimos são, frequentemente, comparadores ativos em seu cotidiano.

Comparar é um ato utilizado pelo ser humano como o intuito de se saber a respeito das igualdades e diferenças. Esse ato é caracterizado como um meio e não como um fim; assim sendo, a comparação não busca concluir, mas, sim, confrontar a natureza dos elementos elencados e, por conseguinte, confrontados.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Mikhail Bakhtin (1981) trata das relações dialógicas que são exercidas em um processo comparativo tanto sobre as semelhanças quanto sobre as diferenças.

Júlia Kristeva (2005), em *Introdução à semanálise*, ao refletir sobre questões relacionadas ao texto, chega ao conceito de intertextualidade, a partir do qual concebe um texto, em um processo de relações, não apenas como a somatória de vários textos e de várias influências, mas como o trabalho de assimilação e transformação dos textos e de seus antecessores em outro texto que a pesquisadora cunha de centralizador ou detentor do comando de sentido.

Por essa óptica, percebe-se que, para a autora, um texto é a atualização dos textos que o precederam, seja ele objetivado como uma transformação ou como uma transgressão. De qualquer forma, há de existir entre esses textos um comprometimento, o que é, também, assinalado pela época de criação do texto centralizador.

Nessas hipóteses, percebe-se o processo da busca de relações, de confrontos, de enfrentamentos, de influências, de analogias, de comparações entre os textos. Todavia, esse processo não se limita apenas aos textos verbais. Esse processo pode dar-se com qualquer forma de linguagem, seja ela verbal, sonora ou imagética.

É importante destacar que nesse exercício não haverá a possibilidade de um texto original, uma vez que tudo está em diálogo. Conforme Bakhtin (1992, p. 368): “O encontro dialógico entre duas culturas não lhe acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade, mas se enriquecem mutuamente”.

Leva-se em conta, por conseguinte, que um texto – verbal, sonoro ou visual – é produto e representante de uma época, de um discurso de época, consequentemente, pode ser intitulado como um produto da história e da sociedade; é um discurso histórico-social que certamente foi antecedido, antecede e será sucedido por outros.

Dessa forma, a relação entre textos, ou o diálogo entre eles, não se caracteriza como um processo pacífico, visto ser, em verdade, um processo calcado em conflitos, os quais dialogam tanto entre as estruturas textuais quanto extratextuais.

Pretende-se, por conseguinte, discutir possibilidades de trabalho que tenham como mote *O navio negreiro*, de Castro Alves, como texto centralizador do processo comparativo, dialógico, intertextual.

DONDE VEM? ONDE VAI?

A escravidão e o comércio de escravos nasceram muito antes de Castro Alves declamar, no dia 7 de setembro de 1868, no Ginásio Literário – uma das associações culturais dos alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, hoje pertencente à Universidade de São Paulo –, durante as celebrações da Independência brasileira, *O navio negreiro*.

A prática escravocrata desenvolveu-se, ao longo da história, por vários motivos, entre eles, as questões bélicas e as financeiras. Portugal desenvolveu fortemente essa característica a partir do empreendimento de sua ampliação territorial, que se deu com o processo das navegações que ampliaram o território português pelos continentes americano, africano e asiático.

Os navios negreiros transportaram escravos, em sua maioria africanos, amontoados em seus porões infectos até o século XIX, quando surgiram as leis que passaram a proibir o comércio de negros escravizados. Em terras brasileiras, mesmo após a proibição do tráfico negreiro pela Lei Eusébio de Queirós, em 1850, ainda houve a permanência da escravidão até 1888.

Quando Castro Alves compõe seu texto poético, o Brasil já vivenciara as leis do Sexagenário e do Ventre Livre, mas a escravidão ainda perdurava em um país que passava por uma série de mudanças ideológicas que levariam à Proclamação da República, à imigração de europeus para as fazendas do sudeste brasileiro, ao florescimento de São Paulo no cenário cultural e econômico nacional.

A essa época, o Romantismo já havia experimentado o subjetivismo, o escapismo, o indianismo, o ufanismo, o exagero, a idealização feminina, o pessimismo, a dor de ser, o gosto pela morte, dentre outras características que marcam a poesia da primeira e da segunda gerações da poesia romântica brasileira.

A terceira geração, a qual pertence Castro Alves, também intitulada condoreira, teve como símbolo o condor que representava, ideologicamente, a liberdade de linguagem e de expressão. Essa geração, influenciada pelo francês Victor Hugo, apresenta o compromisso social em seus versos.

Nos versos de *O navio negreiro*, como em outros de Castro Alves, em que se destaca o tom exaltado e grandiloquente, constata-se ideias abolicionistas que afastam o leitor dos dois primeiros momentos poéticos do Romantismo e o aproximam de um traço fronteiro ao Realismo literário, em virtude do tratamento mais objetivo diante de questões da realidade social.

DESCE DO ESPAÇO IMENSO, Ó ÁGUA DO OCEANO!

Dividido em seis partes, *O navio negreiro*¹, embora se aproxime da realidade dos escravos e, portanto, da realidade social tratada no Realismo, conserva características fundamentais do Romantismo, como o subjetivismo e o idealismo, tão marcados na eloquência dos seus versos que particularmente nas quarta e

1 O texto base utilizado para o presente artigo encontra-se no site Domínio Público.

quinta partes denunciam a miséria da caça, do transporte e da escravidão propriamente dita.

Castro Alves conduz seu leitor com sabedoria durante as seis partes em que divide seu poema. Na primeira parte, por meio do eu lírico, descreve as belezas do céu e do mar que “se estreitam num abraço insano”. Nesse ambiente, já deixa algumas pistas para o seu leitor. No processo de escolha vocabular, estabelece a comparação entre o mar e o Saara – “os corcéis o pó levantam,” – localizado no Norte da África, continente em que os homens são capturados para tornarem-se, forçosamente, escravos; posta o leitor em um caminho que o distancia da ideia original do título do poema – “Bem feliz quem ali pode nest’hora/Sentir deste painel a majestade” –; indica a ausência de rastros de um navio que corre rapidamente pelo mar – “Galopam, voam, mas não deixam traço, Por que foges assim, barco ligeiro? /Por que foges do pávido poeta?”.

Na segunda parte, o poeta ocupa-se em descrever e elogiar os marinheiros de várias nacionalidades, dentre eles o espanhol, o italiano, o inglês, o francês e o grego.

Na terceira parte, composta por uma única estrofe de seis versos, Castro Alves faz a passagem da visão do céu para o convés do navio, quebrando o cantar suave de até então. Valendo-se de uma divisão equilibrada, o poeta utiliza os três primeiros versos para, como em um movimento de câmera cinematográfica, tal qual o utilizado no princípio de *A invenção de Hugo Cabret*, dirigido por Martin Scorsese, descer lentamente o olhar até chegar ao quarto verso, no qual, por meio de uma conjunção adversativa inicia o processo de denúncia do tráfico negreiro.

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!

Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! (v. 85-90)²

Na quarta parte, já há o intertexto imediato com a *Divina comédia* – “Era um sonho dantesco” –, obra de Dante Alighieri, dividida em três partes – Inferno, Purgatório e Paraíso – das quais a primeira é a mais popularmente conhecida.

Nesse momento do poema, surgem as cenas mais pungentes. Em um processo contraditório no qual “o céu [...] se desdobra,/Tão puro sobre o mar”, miscigenam-se a tortura dos escravos com o prazer de Satanás – “E ri-se Satanás!...”. Castro Alves estrutura a quarta parte como se fosse um palco em que um capitão comanda sua orquestra – “Vibrai rijo o chicote, marinheiros!/Fazei-os mais dançar!...” – que conduz os negros escravizados em uma dança mórbida e macabra, repleta do dor, sangue, ausência de condição humana, chegando à zoomorfização das personagens – “Negras mulheres, suspendendo às tetas/Magras crianças, cujas bocas pretas/Rega o sangue das mães.”.

Na quinta parte, mantém-se o jogo de oposição quando são mostrados os negros livres em sua terra para depois serem focalizados já na condição cantada dentro do tombadilho do navio. Há, nessa parte, a repetição integral de uma

² Número correspondente aos versos do poema.

estrofe. O poeta abre e fecha a quinta parte com a mesma estrofe de dez versos na qual questiona Deus e pede para que a natureza assuma a intenção do eu lírico e revolte-se exterminando o navio negreiro.

*Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ... (v. 127-136)*

Na sexta parte, Castro Alves ocupa-se em indicar quem é o responsável por tamanha crueldade. O navio que fugia em um cenário invejável, agora, é identificado por sua bandeira que é apresentada como “Auriverde pendão de minha terra”.

Já distante da ideologia ufanista da Primeira Geração da poesia Romântica e próximo do sentimento político e social de sua época que, artisticamente, manifesta-se com o Realismo e o Naturalismo, o poeta indigna-se com a condição como em um último sopro de vida clama por justiça: “Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!/Andrada! arranca esse pendão dos ares!/Colombo! fecha a porta dos teus mares!”.

DESCE MAIS... INDA MAIS...

Diante dos desafios atuais do magistério, da peculiaridade do trabalho com a leitura, com a literatura, com o texto poético, das diferenças geracionais de valores, de objetivos, de linguagem, e ciente de que a cada dia a participação ativa do cidadão no mundo passa por processos de conexões, pretende-se discutir algumas possibilidades de conectar *O navio negreiro* a outras manifestações de linguagem.

Francisco Goya, pintor romântico espanhol, é largamente citado nos livros didáticos, geralmente por suas telas *Os fuzilamentos de três de maio*, *A maja nua* e *A maja vestida*, todas expostas, hoje, no Museu do Prado.

O francês Ferdinand Victor Eugène Delacroix, também, é largamente resgatado em livros didáticos por meio de sua tela *A liberdade guiando o povo*, exposta no Museu do Louvre.

Além da sugestão do material didático, alfabetizar visualmente o educando é de extrema importância, dentre outras questões, pelo fato de o cotidiano estar cada vez mais pavimentado pelo texto imagético. Buscar esses pintores românticos é relevante para a comparação com o poema de Castro Alves. Mesmo que o tema das pinturas não seja a escravidão, Goya e Delacroix, em muitas de suas obras, como *O Colossus* e *Saturno devorando seus filhos*, do pintor espanhol, e *A barca de Dante* e *A tomada de Constantinopla pelos cruzados*, do pintor francês, apresentam para o leitor, ao valerem-se dos fortes jogos de luz e sombra, da utilização de linhas diagonais, que conferem instabilidade às imagens, do avolumado

de personagens em situações de temor, da brutalidade, uma série de emoções que giram em torno da angústia, da dor, da piedade que tomam os olhos daqueles que leem *O navio negreiro*.

Mais próximo da temática do poema está o pintor alemão que viveu alguns anos no Brasil, Johann Moritz Rugendas, e viajando pelo país registrou em suas pinturas muito da botânica, dos tipos locais e dos costumes brasileiros entre os anos 1820 e 1840.

Estrangeiro que também visitou o Brasil, mas acabou radicando-se em Salvador, Pierre Edouard Leopold Verger registrou o povo e os lugares mais simples. Suas fotografias impressionam pela larga escala de tons de cinza e pela proximidade com que os personagens são enquadrados pelas suas lentes. Apesar de a fotografia congelar o instante, é muito forte o movimento nas imagens do fotógrafo que se tornou babalaô, sacerdote Ioruba, e ocupou grande parte de sua vida ao estudo da diáspora africana.

Além do registro fotográfico, Verger possui vários textos que tratam dos hábitos, dos costumes, da religião dos povos da África Ocidental e da Bahia. Suas contribuições etnológicas concederam-lhe o título de doutor pela Universidade de Sorbonne e a condição de professor na Universidade Federal da Bahia e professor visitante na Nigéria, na Universidade de Ifé.

Em Salvador, cidade que abriga a Fundação Pierre Verger, com mais de 60 mil fotografias do autor, Pierre Verger foi responsável pelo estabelecimento do Museu Afro-Brasileiro.

Além da fundamental importância de Pierre Verger para a fotografia do século XX, a temática de suas imagens é completamente adequada para a relação ideológica com o poema *O navio negreiro*. A tragicidade não está presente nas fotografias de Verger, mas os conceitos culturais, ideológicos e religiosos ultrapassam as imagens preto e branco, que podem ampliar a quinta parte do poema.

Considerado um dos maiores fotojornalistas da atualidade, James Nachtwey foi influenciado pela cobertura da Guerra do Vietnã, particularmente pela fotografia de Nick Ut, que registrou a menina Phan Thị Kim Phúc correndo nua na Estrada Um, após ataque de Napalm.

A página inicial de seu *site*³ já demonstra o teor de seu trabalho: “Eu tenho sido uma testemunha, e essas fotos são meu testemunho. Os eventos já gravados não devem ser esquecidos e não devem ser repetidos”⁴.

Com trabalhos realizados na Irlanda do Norte, na África do Sul, na Bósnia, em Kosovo, no Paquistão, na Índia, em El Salvador, na Nicarágua, na Guatemala, no Líbano, em Israel, na Indonésia, no Afeganistão, na Bósnia e Herzegovina, na Chechênia, no Brasil, nos Estados Unidos, onde cobriu os atentados de 11 de setembro, dentre outros lugares, o fotógrafo tem suas imagens voltadas para os conflitos bélicos, para as precariedades sociais.

Durante os anos 1990, no Sudão, na Somália e em Ruanda, Nachtwey capturou imagens de uma violência estremada em que seres humanos estão registrados em condições tão desumanas que acabam por parecer animais. A zoomorfição desses africanos destaca-se como *punctum* das imagens fotográficas que podem ser utilizadas para um relevante diálogo com a terceira parte de *O navio negreiro*.

3 Disponível em: <<http://www.jamesnachtwey.com/>>. Acesso em: 19 fev. 2012.

4 Tradução livre de: “*I have been a witness, and these pictures are my testimony. The events I have recorded should not be forgotten and must not be repeated*”.

O cinema é fonte constante para sala de aula. Com a possibilidade iniciada pelo videocassete, seguida pelo DVD, pelo *Blu-Ray* e pela própria internet, o cinema está cada vez mais próximo do ambiente escolar.

A sétima arte é riquíssima em filmes que podem ser vinculados a várias questões abordadas no texto de Castro Alves.

A relação mais costumeira surge com Steven Spielberg que, em 1997, dirigiu *Amistad*, que conta com Anthony Hopkins, Morgan Freeman, David Paymer, Matthew McConaughey, Djimon Hounsou, Pete Postlethwaite, dentre outros atores. A narrativa passa-se em 1839, quando escravos negros libertam-se e assumem o comando do navio negreiro cujo nome é *La Amistad*. Com o comando do navio, tentam voltar ao seu continente, mas, desconhecedores de navegação, confiam em dois tripulantes que sobreviveram ao motim e acabam por fazer com que todos sejam capturados por uma embarcação americana. No embate do julgamento dos escravos negros, acusados do assassinato da tripulação do navio, ganha espaço a discussão das questões racistas e abolicionistas nos Estados Unidos, fortemente marcada pelo trabalho de Anthony Hopkins, no papel do ex-presidente americano John Quincy Adams, abolicionista não assumido, que deixa sua aposentadoria para lutar em prol dos africanos.

Em 2012, Steven Spielberg lançou, nos Estados Unidos, *Lincoln*. Com a presença de Daniel Day-Lewis, Sally Field, Tommy Lee Jones, dentre outros atores, baseado no livro de Doris Kearns Goodwin, *Team of Rivals: the political genius of Abraham Lincoln*, o filme tem como ambiente da narrativa a Guerra Civil norte-americana, mas trata com destaque do desejo do presidente americano de aprovar em árdua batalha em Washington a 13ª Emenda constitucional que acabaria com a escravidão.

O tema da escravidão, ampliado com a Ku Klux Klan, surge em *Mississippi em chamas*, filme de Alan Parker, de 1998, que destaca as personagens de Gene Hackman e Willem Dafoe, dois agentes do FBI que, em 1964, investigam a morte de três militantes dos direitos civis em uma pequena cidade interiorana fortemente marcada pela segregação racial e pelos crimes cometidos pelos cidadãos vinculados à Ku Klux Klan.

A Ku Klux Klan é tema de um antigo e controverso filme, ainda da era do cinema mudo, *O nascimento de uma nação*, de 1915. Nesse filme, que focaliza um grupo de homens brancos linchando um criminoso negro, há a promoção do contexto em que surge a Ku Klux Klan, em um movimento conhecido como *Lost Cause*.

Edward Norton é o protagonista de *A outra história americana*, de 1998, no papel de um jovem que após a morte de seu pai, um bombeiro, na tentativa de conter um incêndio em um bairro negro, é aliciado por um neonazista e passa a comandar espancamentos e depredações em sua região. Após um assassinato, cumpre pena de cárcere privado e, ao sair da cadeia, buscando afastar-se da realidade neonazista, encontra seu irmão mais novo seguindo os passos que o levaram à prisão.

Outros filmes, dentre tantos possíveis, importantes e interessantes para o diálogo com *O navio negreiro*, no contexto de época ou no contexto atual, são:

- *12 anos de escravidão*, de Steve McQueen, de 2014, em que Chiwetel Ejiofor interpreta um escravo liberto que após ser sequestrado, em 1841, nos Estados Unidos, é vendido e volta à condição da escravidão pelos 12 anos seguintes.

- *Tempo de matar*, de Joel Schumacher, de 1996, com Samuel L. Jackson, que mata os estupradores brancos de sua filha negra de 9 anos e vai a julgamento contando com o apoio de jovens advogados, interpretados por Matthew McConaughey e Sandra Bullock.
- *Malcolm X*, de Spike Lee, de 1992, em que Denzel Washington assume o papel do líder afro-americano que teve seu pai, um pastor, morto pela Ku Klux Klan e prega uma doutrina de ódio aos brancos até voltar de uma peregrinação a Meca, a partir de quando tem suas convicções abrandadas.
- *Faça a coisa certa*, também de Spike Lee, de 1989, é ambientada no Brooklyn, região muito pobre de Nova York, composta predominantemente por negros e por latinos. Nesse bairro, Danny Aiello interpreta um ítalo-americano, proprietário de uma pizzaria, que exibe em sua parede uma galeria de fotografias de ícones ítalo-americanos, brancos, do esporte e do cinema. A partir desse mote, no dia mais quente do ano, Giancarlo Esposito, interpretando um ativista local, desentende-se com o proprietário pelo fato de não haver retrato de nenhum negro na parede, fato que leva a uma série de ações que culminam em atos de violência com a presença, inclusive, da polícia e a morte de um dos fregueses da pizzaria.
- *Um grito de liberdade*, de Richard Attenborough, de 1997, conta com Denzel Washington interpretando o ativista negro da África do Sul, Stephen Biko, e sua amizade com o editor, branco, de um jornal local, interpretado por Kevin Kline, que tenta fazer chegar ao mundo as mensagens de Biko e os sofrimentos causados pelo regime do *Apartheid*.

Da mesma forma, o universo jornalístico, em suas diferentes mídias, traz à tona, quase que diariamente, questões que dialogam com vários temas como violência, o preconceito, o racismo, o rapto, abordados por Castro Alves.

O SBT tem, em sua grade de programação, o Conexão Repórter, cujo editor-chefe e, também, repórter é Roberto Cabrini. Segundo o *site* do SBT:

*A proposta do programa é a busca pela verdade por meio de grandes reportagens. [...] Mostramos o que ninguém mostra: as grandes reportagens investigativas, as revelações exclusivas, o arrojo, a coragem de se aprofundar nos assuntos, a agilidade, as descobertas, a imagem inquietante, as perguntas que ninguém faz. Onde houver uma grande história, nós estaremos lá.*⁵

Um dos programas que ganharam o Prêmio Esso de Telejornalismo tem como tema específico o racismo no Brasil e pode ser encontrado com facilidade no *site* do Programa e no *YouTube*.

Essa problemática contemporânea também é objeto do programa telejornalístico A Liga, que compõe a grade da Rede Bandeirantes. O programa exibido no dia 17 de julho de 2010, disponível no *site* da Rede Bandeirantes e no *YouTube*, teve como temáticas a discriminação e o preconceito.

5 Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/conexaoreporter/oprograma/>>. Acesso em: 19 fev. 2012.

Valer-se do gênero telejornalístico que trata da questão do racismo na atualidade brasileira é uma proposta singular para mediar a leitura de *O navio negreiro*. É importante destacar, nesse tipo de atividade, a permanência ideológica do racismo que não se findou com a Lei Áurea e ainda está arraigado na cultura nacional.

MUSA LIBÉRRIMA, AUDAZ!

Para muitos estudiosos da literatura, Castro Alves foi o maior poeta representante do condoreirismo no Brasil. Jorge Amado, escritor baiano, amigo de Pierre Verger, escreveu em 1941, *ABC de Castro Alves* (AMADO, 2010, p. 13). Em sua obra fala sobre o poeta:

Este, cuja história vou te contar, foi amado e amou muitas mulheres. Vieram brancas, judias e mestiças, tímidas e afoitas, para os seus braços e para o seu leito. Para uma, no entanto, guardou ele suas melhores palavras, as mais doces, as mais ternas, as mais belas. Essa noiva tem um nome lindo, negra: Liberdade.

Em meio a tantas temáticas que compõem *O navio negreiro*, talvez a mais importante seja a defesa da liberdade.

A escravidão não foi praticada apenas pelos homens brancos, pelos americanos e pelos europeus. A escravidão é prática nascida em uma antiguidade longínqua e dela valeram-se brancos, negros, cristãos, muçulmanos, dentre tantos outros.

Ainda hoje, o homem é tolhido em sua liberdade e, infelizmente, no mundo, ainda existe trabalho escravo. Assim, o poema de Castro Alves é de uma contemporaneidade singular e fundamental para se trabalhar não apenas por questões conteudísticas, mas, fundamentalmente, por seu viés humanitário e cidadão.

VERSES, IMAGES AND INTERTEXTUALITY IN *O NAVIO NEGREIRO*

Abstract: The teaching and learning process of the Portuguese Language in basic education is a matter of extreme importance in the Brazilian educational scenario, however, it is observed that discussions are often based on theoretical issues and a few of them treats about the real everyday needs and about the form to execute the teaching practice. This article intends to work the Castro Alves' poetic text *O navio negreiro*: a tragédia no mar, in order to relate it to other language expressions aiming a significant learning.

Keywords: Castro Alves. Teaching and learning. Languages.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. *O navio negreiro*: tragédia no mar. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2014.
- AMADO, J. *ABC de Castro Alves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOSSIÊ

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévsky*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KRISTEVA, J. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Debates).

Recebido em dezembro de 2014.

Aprovado em fevereiro de 2015.